

Da histeria do século XIX: a percepção do desejo sexual feminino através da narrativa de Júlio Ribeiro na obra *A Carne*¹

Mona Lisa dos Santos Chagas²

Resumo: Este artigo propõe uma análise da obra naturalista, *A carne*, de Júlio Ribeiro (1888), na qual são relatadas crises de histeria de uma personagem, Lenita, o que, por sua vez, resumia a ótica de uma sociedade patriarcal que enxergava a mulher como um ser histérico. O momento da literatura no século XIX permitia uma narrativa voltada para as descrições relacionadas ao ser humano como um animal que mantinha seus desejos carnis, algo considerado como pleno exercício de sua natureza. Dessa forma, o texto busca investigar como esses desejos sexuais eram vistos e a forma de repressão diante das doutrinas sociais e religiosas do Séc. XIX. Falaremos da submissão imposta à mulher e como isso permitiu que seu corpo fosse analisado e explorado através de experimentos empíricos que foram desde casamentos, como forma de cura para os males do útero, até experiências com objetos introduzidos no órgão feminino como forma de amenizar as crises histéricas. De acordo com as leituras realizadas em obras de autores como Foucault e artigos da área de psicologia, podemos concluir que a mulher teve seu corpo e seus desejos sexuais reprimidos por estarem associados ao espiritualismo, como a bruxaria, e à patologia psíquica.

Palavras-chave: Júlio Ribeiro; Naturalismo; Histeria.

Resumen: : Este artículo fue elaborado a partir del análisis de la obra naturalista, *A carne*, de Júlio Ribeiro (1888), en la que relata crisis histéricas en su personaje, Lenita, quien a su vez resumió la perspectiva de una sociedad patriarcal que miró la mujer como un ser histérico. El momento de la literatura permitió una narrativa centrada en descripciones relacionadas con el ser humano como animal que mantenía su canalización de deseos en pleno ejercicio de su naturaleza. Así, el siguiente texto relata cómo se veían estos deseos sexuales y la forma de represión frente a las doctrinas sociales y religiosas del siglo XIX. Hablaremos de la sumisión impuesta a la mujer, que permitió analizar y explorar su cuerpo a través de experimentos empíricos que iban desde el matrimonio, como forma de curar los males del útero, hasta experimentos con objetos introducidos en el órgano femenino como forma de ablandar crisis histéricas. De acuerdo con las lecturas realizadas en obras de autores como Foucault y artículos en el campo de la psicología, podemos concluir que la mujer tenía reprimidos sus deseos corporales y sexuales porque estaban asociados con el espiritualismo, como la brujería y la patología psíquica.

Palabras clave: Júlio Ribeiro; Naturalismo; Histeria.

¹Trabalho apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras Português-Espanhol, pela UFRPE, orientando pela Prof^aDr^a Renata Pimentel Teixeira.

²Graduanda da Licenciatura em Letras Português-Espanhol, pela UFRPE, Campus Dois Irmãos. E-mail: monalisa.datametrica@gmail.com

1. Introdução

A sexualidade feminina ainda é um tema que desperta a curiosidade e gera debates em relação a diversos aspectos: anatômicos, psicológicos, comportamentais, entre tantos. O que pode ser explicitado? O que deve ser censurado? Esses são questionamentos feitos diante de uma sociedade que ainda trata o tema como tabu moral e principalmente religioso.

A mulher sempre foi alvo de discussões relacionadas à sexualidade, seja em relação ao desejo sexual ou ao ato em si, que ainda causam o estranhamento na sociedade a qual, por sua vez, deposita o ônus da contenção sexual na mulher. E tal concepção de contenção irá servir de base à ideia da histeria,³ que devastará as mulheres por séculos e as estigmatizará como incapazes e descontroladas.

Esse assunto foi amplamente abordado na literatura europeia do século XIX, no alvorecer de um conjunto de teorias que se anunciavam científicas. Imagine-se, também, esse mesmo tema sendo relatado em um livro do mesmo século XIX, em uma sociedade escravocrata, que proibia o divórcio, o qual só foi permitido em 26 de Dezembro de 1977, com a Lei 6.515, quando o Brasil passou a realizar o processo de separação (SILVA, 2016), e em um contexto no qual se mantinha a mulher como um objeto de posse masculina. Seu papel era apenas oferecer sua sensibilidade e se manter submissa ao homem, garantindo-lhe filhos legítimos que seriam os herdeiros dessa classe burguesa. A obra a que nos referimos foi publicada em 1888, período em que ocorriam mudanças no cenário político brasileiro, no qual, no mesmo ano, ocorreria a abolição da escravidão e, no ano seguinte, a proclamação da República.

Júlio Ribeiro, o autor, vai trazer uma espécie de inversão dessa perspectiva em *A carne* (1888), mostrando uma mulher forte e cheia de si diante de um homem fraco, mas, mesmo assim, essa personagem feminina ‘sofre do mal’ que atinge apenas o que, naquela época, se nomeava ‘sexo feminino’. O livro foi alvo de muitas críticas, apesar de ser considerada uma obra do naturalismo (período literário que

³Segundo o dicionário Aurélio, em versão *online*, (<https://www.dicio.com.br/histeria/>, consulta em 25/11/2020), o termo traz os seguintes significados, que destacamos entre outras informações: 1. na acepção médica é a doença nervosa que, supostamente, se originava no útero (acepção considerada obsoleta); 2. Comportamento caracterizado por excessiva emotividade ou terror e pânico; (psicanálise) neurose que implica recalque e sintomas corporais; 3. (psiquiatria) neurose expressa por manifestações corporais sem que haja problema orgânico funcional.

tinha como enfoque analisar o comportamento social do ser humano, visto como um ser biológico assim como os outros animais). Ele apresenta uma personagem feminina com um perfil que ultrapassa, em aspectos importantes, o comportamento determinado às mulheres e que, antes, era permitido apenas aos homens.

Resumindo a obra, temos Lenita como a protagonista: uma jovem de classe alta, órfã de mãe e criada apenas pelo pai. Sua criação permitiu que ela se tornasse uma mulher intelectual e culta (algo que não era permitido a muitas mulheres da época) e sua inteligência ultrapassava a de muitos homens de seu convívio tornando-os indignos de serem candidatos a futuros maridos seus. A morte de seu pai faz com que ela planeje sua saída da cidade para a fazenda do amigo de seu pai, o coronel Barbosa, que possuía toda sua produção baseada na escravidão. É lá que Lenita depara com situações que irão despertar seu interesse pelo sexo, como no momento em que se sente excitada com o cheiro de suor e sangue quando presencia um escravo sendo castigado.

O negro deu um corcovo; irrompeu-lhe da garganta um berro de dor, sufocado, atroz, que nada tinha de humano. Desmaiou.

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas.

O silvar do azorrague, as contrações, os gritos do padecente, os fios de sangue que ela via correr embriagavam-na, dementavam-na, punham-na em frenesi: torcia as mãos e batia os pés em ritmo nervoso [...]

E tremia, agitada por estranha sensação, por dolorosa volúpia. Tinha na boca um saibo de sangue. (1998, p. 34)

É nesse mesmo ambiente que ela percebe que a vida sexual dos escravos é mais intensa que a dos homens livres. Que não há censura ou pudor, pois eles conseguem se entregar ao desejo da carne. A personagem se masturba, observa os animais copulando e tem sonhos eróticos. Assim, percebemos que a sexualidade fica em evidência o tempo todo, porém experienciada por uma mulher (o que revela uma complexidade incomum às personagens femininas típicas do naturalismo como manifesto nas obras literárias brasileiras do período, as quais retratam as mulheres apenas como submissas, iletradas, sem erudição).

A história ganha o destaque com seu relacionamento com o filho do coronel Barbosa, o Manuel, que volta da Europa depois que abandona a mulher, já que não

podia se divorciar. Surge, então, mais um tema polêmico da época: Lenita iria se envolver com um homem casado. Apesar de compartilhar um sentimento pelo Manuel, Lenita tem um propósito maior que é satisfazer seus próprios desejos sexuais. O desfecho é trágico, pois Lenita abandona Manoel que, por sua vez, se mata por não suportar a ausência da amada.

Diante disso, este trabalho propõe uma discussão acerca dos dispositivos restritivos relacionados à sexualidade feminina, o que nos permitirá analisar a personagem, partindo da visão do autor, quanto ao comportamento do gênero (na época tomado como sinônimo de 'sexo') diante de uma sociedade conservadora. Faremos também uma reflexão sobre a histeria como diagnóstico médico para reprimir a liberdade sexual da mulher.

1. O naturalismo e o contexto histórico

Para fazermos qualquer tipo de observação em relação ao comportamento de Lenita, a personagem de Júlio Ribeiro da obra *A carne*, devemos, primeiramente, entender o contexto histórico no qual o movimento literário estava inserido, não somente no Brasil, mas sobretudo no continente europeu, de onde emanam as diretrizes estéticas e ideológicas.

O naturalismo é uma tendência que acontece no mesmo período em que ocorre o realismo. Sua influência se deu pela literatura europeia, através, com destaque, de Émile Zola, pela França, e Eça de Queirós, pela literatura portuguesa (SILVA, 2018). O próprio Júlio Ribeiro faz uma homenagem a Zola em seu livro e revela a devoção que nutre pelo escritor francês: "*Onnevous imite pas, onvous admire*"⁴ e usa as palavras "*serviteurféal*"⁵ (RIBEIRO, 1998. p. 8.) referindo-se a si mesmo como um admirador de suas obras.

Não obstante as emanções europeias, Coutinho afirma que a literatura manifesta as características mais íntimas de um povo, e que, apesar das inspirações estrangeiras no naturalismo, "o processo de nacionalização brasileira consistiu antes em um movimento de afirmação nacional, de busca da própria identidade, de conquista de um caráter nacional, de afirmação de qualidades peculiares."

⁴Onnevous imite pas, onvous admire: Não tentamos imitar-vos, nós vos admiramos. (tradução livre)

⁵serviteurféal: servidor fiel. (tradução livre)

(COUTINHO, 2008. p. 67). Sendo assim, essa identidade foi marcada pelas mazelas sociais que assolavam o país e ganhavam espaço nas obras dos escritores naturalistas, porém, com uma abordagem mais intensa referente ao homem comparado ao bicho, pelos seus desejos sexuais e pelas suas vontades carnis vistas pela sociedade como impuros e subversivos de acordo com os costumes e com a religião.

O cenário social brasileiro contava com o fim do segundo reinado de D. Pedro II, que perdurou por 49 anos e sucumbiu diante da nova estrutura política que se levantava por meio da escolha de um representante para o povo: a República, proclamada em 1889 e cujo lema era “Ordem e Progresso”, inspirado em Auguste Comte, teórico proponente do Positivismo, ou seja, mais uma diretriz a refletir o quanto o ideário cientificizante europeu indicava os rumos brasileiros.

Outro fato importante que resultou nas mudanças sociais foi a segunda Revolução Industrial na metade do século XIX que, através do desenvolvimento em diversas áreas de conhecimento, propiciou transformações econômicas oriundas da tecnologia e das máquinas que produziam a todo vapor. A Abolição da Escravatura, em 1888, também foi ingrediente na disseminação dos pensamentos naturalistas. De acordo com Bosi:

A formação de um partido liberal radical, em 1868, foi precedida de declarações de princípios abolicionistas e pré-republicanos; e, de fato, já em 1870, uma ala dos progressistas fundava o Partido Republicano, que operaria a fusão tática de inteligência nova com o arrojo de alguns políticos de São Paulo interessados na substituição do escravo pelo trabalho livre. As ideias respondiam os fatos: no decênio de 70, entram no país quase duzentos mil imigrantes; no de 80, quase um milhão. (2013, p. 173).

Vejamos que o naturalismo está mergulhado em um ambiente de inúmeras mudanças e que vai abordar temas relacionados à realidade social e ao meio a que o homem está submetido após a libertação dos escravizados. A aparente contradição entre movimentos que eram considerados progressistas e os preconceitos que os princípios científicos em desenvolvimento na época iam criando, na verdade, conflui para um só ponto: a ascensão capitalista da classe burguesa, que proferia diagnósticos supostamente prováveis sobre os negros (ex-escravizados) como seres inferiores e abolia a escravização por razões econômicas relativas ao novo estágio de revolução na escala industrial de produção (e a

necessária criação de mercado consumidor, com a respectiva criação do proletariado assalariado e dos movimentos migratórios).

O movimento naturalista, então, busca descrever os desejos mais introspectivos do indivíduo e seus pensamentos acerca das convenções humanas, a partir de seu instinto natural, que, para a intelectualidade da época, está subordinado tanto a relações de questões biológicas quanto sociais (SILVA, 2018). Essa realidade brasileira foi retratada na literatura, inicialmente, através do escritor Aluísio de Azevedo, com o romance *O Mulato*, publicado em 1881, que apresenta personagens de caracteres inidôneos: um cônego assassino e hipócrita; a vitória do mal sobre o bem (a personagem Ana se casa com o assassino de Raimundo, personagem protagonista que dá título ao romance) e os abusos cometidos contra os negros.

Em resumo, a obra conta com José Pedro da Silva, fazendeiro que mantém um relacionamento amoroso com uma escrava, a Domingas, a qual engravida e leva a criança (chamada Raimundo) para ser criada pelo seu irmão quando a esposa de José Pedro descobre a traição. Quando o fazendeiro retorna à fazenda, descobre que sua esposa Quitéria também o trai com o Padre Diogo e a mata. Observe-se que, até aqui, já temos a natureza humana aflorada em suas taras sexuais, pois todos os personagens citados se permitem saciar a carne com encontros sexuais, mesmo que haja questões religiosas ou morais envolvidas. Passados anos, Raimundo volta já formado em direito e conhece Ana, por quem se apaixona, e decide se casar. Mas o pai da moça, Manuel, não permite o enlace por causa da cor de pele do rapaz (aqui ecoa o estatuto racial advogado pela ciência da época, preocupada em sustentar a supremacia branca, europeia, caucasiana sobre as demais etnias). Quando decidem fugir, Raimundo é assassinado por Luís Dias, o pretendente oficial de Ana, segundo ainda as regras do matrimônio por interesses, herança romântica e burguesa que permanece em voga. Ela aborta o filho que esperava de Raimundo, casa-se com Luís e geram três filhos. (Aqui podemos ver o quanto o preconceito é violento). (Obra disponível no domínio público, <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000166.pdf>)

Júlio Ribeiro não fez diferente. Voltando à obra em estudo aqui, *A Carne*, constatamos que sua abordagem apresenta personagens que já realizaram o divórcio e que exalam a sexualidade de forma explícita aclamando o amor livre entre

eles. Comportamentos totalmente opostos aos tolerados pela sociedade e pela igreja.

Lenita, a personagem que rompe a passividade feminina, é uma jovem rica que cresce sem a mãe, pois a perdera no momento de seu nascimento. Criada apenas com o pai, o doutor Lopes Matoso, teve uma educação sem igual, mas o perde aos vinte e dois anos em decorrência de uma “congestão pulmonar”.

Dominada pela tristeza, resolve ir para o interior de São Paulo para a fazenda do Coronel Barbosa, grande amigo e responsável pela criação de seu pai. Lá, conhece o filho do coronel, o Manoel Barbosa, por quem cria expectativas, ao saber que teria uma companhia para compartilhar seus conhecimentos. Porém, a sua decepção inicial foi gigantesca ao vê-lo retornar de uma viagem e deparar com um homem de meia idade e já divorciado. Ele vivera dez anos na Europa e havia se casado com uma francesa, mas, devido a sua experiência com o matrimônio, não expressava boas lembranças de sua união. Para Barbosa o casamento era apenas “uma instituição egoísta, hipócrita, profundamente imoral, soberanamente estúpida”. (RIBEIRO, 1998. p. 52). Mas essa imagem negativa de casamento existe desde a Antiguidade, pois os matrimônios aconteciam apenas para a manutenção da casa e dos filhos. Lins (2012) afirma que, Na Grécia, o casamento era obrigatório para os homens que queriam se tornar oradores e generais. Caso completassem quarenta anos e não estivessem casados, pagariam uma multa. Além disso, o casamento estava associado ao poder aquisitivo da sociedade, pois, para se realizar o matrimônio, era necessário que os noivos possuíssem dotes, reduzindo, assim, o casamento a um acordo financeiro.

Apesar da decepção na primeira impressão sobre Barbosa, Lenita logo muda de conceito sobre ele quando começam a conversar, firmando uma amizade que logo se transforma em uma paixão devastadora. Movida pelos seus instintos, Lenita se permite experimentar os desejos que se avolumam por esse homem e os orgasmos que falam mais alto na *carne* do que qualquer moralismo social. Desejos esses que eram evidenciados em suas ‘crises histéricas’ (tema que será melhor desenvolvido) e que logo se encerram quando a jovem experiencia as sensações de contato carnal com Barbosa, pois “Como num golpe no amor romântico, Lenita invade o quarto de Manduca e se entrega, sem culpa e determinada a atender aos chamados da natureza” (MASIERO, 2012. p. 206).

Para ela não havia mal algum em manter um relacionamento com um homem divorciado, pois não se incomodava com a rigidez dos princípios moralistas, pois para ela: “Teria amantes, por que não? Que lhe importava a ela as murmurações, os *diz-que-diz-que* da sociedade brasileira, hipócrita, maldizente. Era moça, sensual, rica - gozava. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem.” (RIBEIRO, 1998, p. 41). Vejamos que, até aqui, o autor naturalista desconsidera os princípios que regiam o comportamento feminino, segundo as convenções morais estabelecidas então. Segundo Perrot (2007), as mulheres que tinham seus desejos sexuais aflorados eram comparadas às “feiticeiras” e tinham suas vulvas conhecidas como “insaciáveis”. Dessa forma, Júlio Ribeiro mostra que a mulher, além de sentir desejos sexuais como qualquer animal, está sujeita às necessidades fisiológicas da carne.

Ao descrever Lenita usando termos que se referem aos animais, como “macho” e “fêmea”, Ribeiro revela as características biológicas dos mesmos: “Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era desejo, era necessidade orgânica de macho. (RIBEIRO, 1998, p. 16). Assim como o momento do acasalamento do gado na fazenda quando Ribeiro (1998, p. 55)descreve: “o touro lambeu a vulva da vaca com a língua áspera, babosa, e depois, bufando [...] A vaca abriu um pouco as pernas traseiras, corcovou-se, engelhou a pele das ilhargas para receber a fecundação”. Vejamos que, nos dois casos, ele ressalta a necessidade de se manterem as relações sexuais como algo natural e indispensável.

De fato, ela mantém um relacionamento amoroso com Barbosa que resulta em uma gravidez, mas todo seu empoderamento não é suficiente quando ela encontra alguns objetos no quarto de Barbosa que o denunciam. A vida daquele homem, “o macho digno de si” (RIBEIRO, 1998, p. 53)que despertara nela todo o furor carnal, era recheada de aventuras amorosas e isso deixara a jovem moça decepcionada mais uma vez. Sem hesitar, ela vai embora da fazenda enquanto Barbosa viaja a negócios e resolve aceitar o pedido de casamento de um pretendente que já havia lhe feito a corte. Ao descobrir que sua amada havia ido embora grávida, Barbosa, em um surto de ódio e desespero, se suicida.

Apesar de o autor construir uma personagem de força e inteligência, existe uma condição a que a mulher, durante séculos, foi submetida aos olhos da

medicina: a histeria. E no romance a personagem não escapa a esse determinismo, visto como inevitável à época e cientificamente justificado como intrínseco ao gênero feminino.

Ribeiro descreve diversos momentos de ataques histéricos da personagem:

Não podia comer, tinha um fastio desolador, cortado por desejos violentos de coisas salgadas, de coisas extravagantes.

Sobrevieram-lhe salivagens constantes, vômitos biliosos quase incoercíveis [...]

[...] Lenita estava abatidíssima: “emaciada, lívida, com os olhos afundados em uma auréola cor de bistre, comprimida o peito, estertorava sufocada. Uma como bola subia-lhe do estômago, chegava-lhe à garganta, estrangulava-a. No alto da cabeça, um pouco para a esquerda, tinha uma dor circunscrita, fixa, lancinante, atroz: era como se um prego aí estivesse cravado.

E seu sistema nervoso estava irritadíssimo: o mais ligeiro ruído, o jogo de luz produzido pelo abrir da porta arrancava-lhe os gritos.

[...] – sufoco! Acudam-me! Gritou de repente Lenita e, revolvendo-se, escoucinhando, dilacerava a camisa com as mãos ambas, arranhava o peito. Um rubor súbito, vivíssimo, colorira-lhe o rosto, brilhavam-lhe os olhos de medo insólito. (1998, p. 13)

Outra crise foi estimulada pelas sensações despertadas através da admiração à *estátua de Agásias*, conhecida pelo nome de *Gladiador Borghese*:

Ergueu-se, acercou-se da mesa, fitou com atenção a estátua: aqueles braços, aquelas pernas, aqueles músculos ressaltantes, aqueles tendões retesados, aquela virilidade, aquela robustez, impressionaram-na de modo estranho. [...] Atormentava-a um desejo de coisas desconhecidas, indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se-lhe que havia de ter gozo infinito se toda a força de gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a em pedaços.

E tinha ímpetos de comer de beijos as formas masculinas, estereotipadas no bronze. Queria abraçar-se, queria confundir-se com elas. De repente corou até a raiz do cabelo. (1998, p. 16)

Devorada pelo desejo da carne, Lenita tem outro ‘momento de histeria’, quando entra no quarto de Barbosa e sente o “cheiro animal bom, de corpo humano” (1998, p. 50):

Quase um delírio, deixou-se cair de bruços sobre a cama, afundou o rosto na travesseira, sorveu a haustos curtos, açodados, o odor viril, esfregou, rostiu os seios de encontro ao fustão áspero da colcha branca.

Sentia quase o mesmo que sentia na noite da alucinação com o gladiador, um prazer mordente, delirante, atroz, com estranhas repercussões simpáticas, mas incompleto, falho. Trincou os dentes a cambraia da fronha, gemendo, granindo em contrações espasmódicas. (1998, p. 51)

Esse cheiro não a deixou dormir. Ela foi atingida descontroladamente sentindo-se “presa do mal-estar do histerismo antigo” (RIBEIRO, 1998. p. 52). Além de lançar um diagnóstico sobre a histeria como uma patologia relacionada aos desejos carnis femininos, Ribeiro nos relata sintomas históricos dirigidos pela cólera descontrolada de Lenita, quando ela, após esperar ansiosamente pela vinda de Barbosa, se decepciona, ao deparar com um homem de aspecto “inculto, quase feroz” (p. 38), tomado por uma enxaqueca que o deixava sempre de péssimo humor:

Sacou do peito com violência as duas bonitas rosas, atirou-as no chão, calcou-as aos pés, esmurregou-as, despiu-se freneticamente, aos pinchos, arrancando os botões, arrebetando os colchetes.

Com um movimento de penas rápido, sacudido, fez voar longe os sapatinhos, atirou-se à cama, encolheu-se como uma bola, mordeu os braços, despediu num pranto convulsivo. Chorou, soluçou por muito tempo. Esse descarregamento nervoso aliviou-a, acalmou-se, sossegou. (1998. p. 39)

Esse comportamento histórico é confirmado pela espera frustrada por Barbosa:

Em um instante, como por ação elétrica, seus sentimentos se tinham transformados: aos ardores pelo homem ideal da cisma histórica, à antipatia pelo homem real da antevéspera, entrevisto em circunstâncias desfavoráveis todas, sucedera ai nesse lugar, repentinamente um afeto calmo e bom que a subjugava, que a prendia em Barbosa. (1998. p. 44)

Observe-se que a todo o momento o autor, Júlio Ribeiro, faz menção ao comportamento de Lenita como um animal e que sua vontade sexual sobressalta ao se confrontar com Barbosa. Esse contato primeiro com um ser do sexo masculino fez com que seu corpo despertasse todas as sensações que, até então, ela jamais havia sentido. São esses desejos sentidos por Lenita que são, segundo a ótica científica da época endossada na estética naturalista, os causadores de sua patologia conhecida como histeria.

1. O conhecimento e o casamento

A personagem trazida por Júlio Ribeiro em *A Carne* é um modelo feminino em vários aspectos antagônico ao que a sociedade burguesa exigia durante o século XIX e à maioria das representações de personagens femininas na prosa naturalista brasileira. Lenita, como já comentado aqui, era uma jovem de vinte e dois anos, órfã de mãe e pai, mas que gozava de uma educação insigne em relação às mulheres de sua época. Seu pai, Lopes Matoso, fez questão de lhe oferecer instrução nas diversas áreas de conhecimento, o que a tornou aos “quatorze anos, uma rapariga desenvolvida, forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar” (RIBEIRO, 1998, p. 9).

Em relação à educação da personagem, o autor descreve sobre suas áreas de conhecimento:

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha, porque em tudo era perito: com ela leu os autores estrangeiros de melhor nota e tudo que havia de mais seleta na literatura do tempo. (1998, p. 9)

Todo esse conjunto de conhecimento não era comum às mulheres da época. De acordo com Perrot (2007), as mulheres não tinham espaço nas universidades, tanto como estudantes quanto como professoras, ocupando maior espaço só após a segunda Guerra Mundial por volta de 1970. A autora revela trechos de um *projeto de lei contendo proibição de ensinar a ler às mulheres (Projet d'une loi portant défense d'apprendre à lire aux femmes)*:

Considerando que a intenção da boa e sábia natureza foi de que as mulheres, exclusivamente ocupadas com as tarefas domésticas, se sentissem honradas de segurar em suas mãos não um livro ou uma pena, mas uma roca e um fuso [...] que as mulheres que se gabam de saber ler e escrever não são aquelas que melhor sabem amar. (2007, p. 92)

O conhecimento era caminho para a degradação feminina, segundo se pregava à época, como meio de controlar as mulheres e mantê-las ignorantes, incapazes de atuar socialmente, de ter autonomia econômica e político-ideológica.

PERROT (2007, p. 93) referenda esse cenário ao indicar a opinião recorrente: “As mulheres que se gabam de saber ler e escrever não são aquelas que melhor sabem amar. Que há escândalo e discórdia num lar quando a mulher sabe tanto ou mais do que seu marido”. Dessa forma, as mulheres que tivessem o acesso à instrução carregavam o estigma da incompetência imputada pela sociedade em relação ao seu papel fundamental da manutenção do lar.

E foi por intermédio da educação vasta que a jovem Lenita recebeu de seu pai que sua postura tornou-se incomum e, através de um comportamento autônomo, durante quase toda a narrativa, ela não se sentira na obrigação de manter os costumes impostos pela sociedade, como, por exemplo, a necessidade de casamento, embora, mais tarde, percebesse que seria inevitável se casar.

O matrimônio, no contexto do século XIX e em uma sociedade de tradição judaico-cristã como a brasileira, é um sacramento religioso e indissolúvel que, uma vez realizado, jamais poderá ser desfeito, mas que, de acordo com o cristianismo, se faz essencial, pois, sem essa benção religiosa, “as jovens solteiras são vítimas de diversos males: a melancolia, a anorexia [...] que traduz mal-estar, obsessão pela magreza, mas também recusa da única opção colocada à sua frente, o casamento” (PERROT, 2007, p. 46). Além disso, “o casamento por amor é, por conseguinte, a única opção honrosa para a mulher, seu abrigo seguro” (PERROT, 2007, p. 47). Assim, Michelle Perrot relata a história das mulheres, recuperando o cenário de opressão a que o gênero feminino sempre se viu submetido. Ou seja, uma situação que deixava a mulher sem opção de escolha diante da obrigatoriedade de submergir em um sacramento cristão.

Se analisarmos a recusa de Lenita ao casamento, poderemos entender que esse comportamento é aceitável, pois se trata de uma determinação social e cultural; por exemplo, em outras culturas humanas há formas bem diversas de organizações familiares, como a poligamia ou, na cultura de povos indígenas Tupinambás, originários do Brasil, a formação de um par entre homem e mulher não obrigava os envolvidos a ficarem eternamente juntos (RAMINELLI, 2018). O autor ainda diz que os índios não precisavam fazer juras e nem promessas eternas e que, caso se cansassem um do outro, poderiam se separar e se ‘casar’ com outros companheiros, porém, sem realizar um ritual sacramentado como na cultura euro-cristã repetida entre a sociedade colonial brasileira.

Desse modo, a necessidade de casamento, conforme vista pelo olhar biológico e 'científico' enunciado na obra, não está pautada na obrigatoriedade de manter a mulher vinculada a uma regra de controle social, mas apenas à manutenção das necessidades fisiológicas, segundo aborda o pai da jovem Lenita: "o homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica." (RIBEIRO, 1998. p. 10). A composição desse casamento (homem e mulher) é a forma legítima de união. De acordo com Foucault o eixo da família é pautado no dispositivo da aliança e no dispositivo da sexualidade. "Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com status definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. (FOUCAULT, 1988. p. 101) Logo, qualquer comportamento relacionado à sexualidade que não seja realizado entre o homem e a mulher é visto como anormal.

Lopes Matoso corrobora a ideia de necessidade apenas da carne, como exalta o naturalismo, sem se prender às amarras sociais que obrigavam a mulher a se manter em um relacionamento ao qual aderiria por imposições religiosas. Aqui se reflete uma dicotomia muito em voga no final do século XIX: a ciência da época pretende se sobrepôr ao discurso místico-religioso, embora a igreja católica ainda permaneça como instituição forte na manutenção da moralidade burguesa e do controle dos corpos/ sujeitos. Lins (2012) diz que o sexo ficou atrelado ao pecado e visto como uma afronta a Deus. Dessa forma, ao sentir prazer sexual, o indivíduo estava inteiramente condenado ao inferno. Comparando as duas formas de formalizar o casamento, Figueiredo (2018, p. 171) diz que: "O vínculo conjugal, sua indissolubilidade e estabilidade afastariam a luxúria dos casais, vivendo estas relações de obrigação recíproca de uma sexualidade disciplinada sob a vigilância dos padres e da ordem cristã." Ou seja, a satisfação carnal é um pecado e não pode ser praticada alheia ao casamento.

A igreja determina que o casamento seja uma união na qual a mulher deve ser submeter ao marido, assim como foi, segundo a explicação criacionista religiosa, o objetivo da criação de Eva através de uma parte do corpo de Adão. A Bíblia relata que "Disse mais o senhor Deus: não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada". (Gn2. 18). Seja, então, a mulher uma *ajudadora* do homem e assim deve ser no casamento. Essa companhia lhe foi dada, ainda

segundo a explicação religiosa, porque Deus acreditava que o homem não deveria ficar sozinho, pois a solidão era ruim, logo criou a mulher para que suas necessidades fossem supridas (MAHANEY, 2012). A autora ainda fala que: “o importante é que vocês cultivem o hábito de abrir um espaço para a liderança masculina em sua vida” (ibid. p. 27). Essa imagem de submissão se vê reforçada pelos estudos nas áreas da ciência (o que revela a união de objetivos entre áreas que pareciam se contrapor: ciência e religião, mas na verdade concorriam para o mesmo objetivo de manutenção de interesses burgueses), como diz Perrot, a partir do livro de Priore:

tal imagem seria revigorada a partir das “descobertas da medicina e da biologia, que ratificavam cientificamente a dicotomia: homens, cérebro, inteligência, razão lúcida, capacidade de decisão *versus* mulheres, coração, sensibilidade, sentimentos”. (PERROT, 1988. p 177 apud Priore, 2018. p 332).

Ao colocar a mulher na posição de submissão, a igreja consegue manter o controle social pautado no medo do castigo criado pela ideia dos desejos carnis que levariam a mulher ao inferno. Diante disso, o corpo feminino é colocado em evidência para explicar e justificar seu lugar na sociedade. Além do mais, o casamento seria o remédio para os distúrbios femininos como a histeria, pois, “segundo Hipócrates, a histeria era doença feminina, derivada da ausência de relações sexuais.” (NUNES, 2010. p. 375). PERROT (2007) também afirma que Aristóteles determina o comportamento da mulher fazendo uma comparação ao homem, paralelo pelo qual o sexo feminino é “modelagem inacabada, homem incompleto” (p. 23) (página), colocando o sexo oposto em posição de superioridade. Beauvoir (1970) também relata a posição feminina em submissão ao homem e que, de acordo com Sto. Tomás, o sexo feminino é um ser “ocasional” representado por um osso que se fez em forma de mulher.

1. O corpo feminino e a histeria

Ao falarmos de Lenita, levantaremos alguns pontos relacionados ao seu comportamento, como sua recusa inicial de realizar o matrimônio. No contexto em que vive a personagem, toda mulher deveria estar submetida a um homem, para

controlar seus impulsos e os desejos sexuais, vistos pela sociedade e Igreja como anormais e que resultavam em transtornos físico e mental.

A personagem de Júlio Ribeiro, apesar de suas peculiaridades e divergências ao modelo mais frequente de representação das mulheres, apresenta os sintomas da doença que acometia a mulher no século XIX, período em que o discurso biológico voltava as atenções para a anatomia feminina, em especial para o útero. Como explicar um órgão que expelia sangue todos os meses e ao mesmo tempo gerava vidas?

Uma das particularidades do órgão reprodutor feminino é a menstruação, um acontecimento natural condicionado à mulher que, hoje, está bem esclarecida e tem cientificamente comprovada a sua importância. Mas nem sempre foi assim. Perrot (2007) afirma que só nos anos 70 foi que o tema começou a ser discutido entre mães e filhas. Acreditava-se que era através da regularização da menstruação que a mulher conseguia controlar seus distúrbios físicos.

Beauvoir diz que, durante o período:

Quase toda mulher - mais de 85% - apresenta perturbações durante esse período. A tensão arterial eleva-se antes do início do corrimento sanguíneo (sic) e baixa a seguir; o pulso acelera-se, a temperatura sobe [...] outras são vítimas de perturbações do ouvido e da vista. A secreção de suor aumenta, acompanhada, no início das regras, de um suor *sus generis* (grifo do autor) que pode ser muito forte e persistir durante toda a menstruação. (1970. p. 49)

Lenita, já familiarizada com os sintomas do período e a ciência da função da menstruação, passa por um momento em que suas regras descem assim que ela fica excitada, ao admirar a estátua do *Gladiador Borghese*. “Foi depois desse momento de excitação que Lenita sentiu uma umidade morna, que lhe ia estendendo por entre as coxas” (RIBEIRO, 1998. p. 17). Associada, ainda, aos preconceitos científicos, mantém-se o controle moral da igreja que não permitia que a mulher sentisse o desejo ou tivesse controle sobre seu corpo. Assim, mesmo em polos aparentemente opostos, discursos científico e religioso acabam por coincidir no controle burguês e patriarcal em relação ao gênero feminino, e a noção da histeria, como usada no século XIX, é um elo forte entre os dois discursos. De acordo com Carvalho (2017), a palavra histeria, usada para diagnosticar problemas

relacionados apenas ao sexo feminino, deixou de ser usada por volta da década de 50. Porém, já se falava em histeria no século IV a.C.

Nos papiros egípcios foi denominada como *kahume* seus sintomas eram descritos em dores e paralisia corporal (BEZERRA, 2004). A derivação da palavra surge de *hysteroque* significa útero e, através dessa associação ao órgão reprodutor feminino, a histeria foi diagnóstico para as mulheres por muitos séculos. A “sufocação da matriz”, assim chamada por Hipócrates, era a doença que acometia o órgão reprodutor feminino, e, através dessa condição patológica, a mulher poderia desenvolver sintomas como tonturas, vômitos e dores de cabeça. Como uma forma de curar esse mal, o casamento e a maternidade eram ‘prescritos’ como os melhores caminhos para tratar a histeria. Portanto, desde a tradição grega, a histeria foi formulada como uma questão própria das mulheres, ligada à insatisfação sexual ou ao desejo de procriar. (NUNES, 2010. p. 375).

A psicologia passou a analisar a enfermidade não como uma doença do corpo, mas da mente. Porém, suas causas seguiam a mesma procedência: a sexualidade. Freud dá início à psicanálise e em 1886 abre seu consultório para estudar os casos de histeria que acometiam as mulheres no século XIX. Seu trabalho de psicanálise consistia em ouvir suas pacientes e analisar quais fatores poderiam desencadear a histeria feminina. O trabalho seguia com o uso da hipnose desenvolvida por Jean-Martin Charcot, em que a paciente falava de seus medos e traumas. E foi através dessas observações que Freud entendeu que as crises eram frutos de uma sexualidade reprimida (BITTENCOURT, 2014).

Safatle diz que:

O corpo histérico é um corpo onde os prazeres específicos de órgão não se submeteram a uma experiência sexual centrada no prazer genital. Seu corpo é um peculiar corpo no qual as zonas erógenas e as pulsões parciais parecem não se submeter a uma representação da sexualidade ligada à genitalidade [...]. (2016, p. 382)

Porém, até chegar ao campo da psicologia, a histeria foi ferramenta de higienização social, a qual era usada para controlar o gênero feminino. Foucault analisa esse comportamento social que “qualifica e desqualifica” a mulher:

Como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto

em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), como espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças [...]: a mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, (grifo do autor) constitui a forma mais visível desta histerização. (1988, p. 99).

Dessa forma, percebemos que não havia alternativa para a mulher que não fosse o casamento e a maternidade. Seu corpo era visto com uma única função: a reprodução. A mulher estava encarregada de cumprir apenas seu papel biológico, uma vez que era vista como um ser incapaz e sensível demais para lidar com assuntos alheios à maternidade. (cf. Roxo, 1928apud IZIDIA, 2003).

Foi na Idade Média que a histeria passou a ser vista como sintomas relacionados à bruxaria. Bezerra diz que:

As mulheres que curavam com porções mágicas copulavam e faziam pactos com o demônio, entravam em transe, não comiam carne, deixando de ir à missa, tinham tiques nervosos, inquietação ou adoeciam subitamente. Surgiam manchas pelo corpo, principalmente, quando essas manchas fossem indolores seria fatal. Essas seriam as mais variadas formas de servir ao demônio e, como castigo eram condenadas à fogueira. Essas criaturas que não pensavam em sua salvação afastando-se da “Fé Católica” (grifo do autor) seria uma afronta à Igreja. Assim, as histéricas eram vistas como bruxas. (2004, p. 9)

Diante dessa sentença, a mulher era obrigada a manter sua sexualidade inibida por completo, pois, mesmo aquelas que eram casadas, não conseguiam satisfação nas relações carnis com seus maridos. Perrot (2003, p. 16) relata que: “o prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas. A noite de núpcias é a tomada de posse da esposa pelo marido, que mede seu desempenho pela força da penetração”. Consequentemente, submetidas à violência sexual, ou ao sexo praticado com a finalidade exclusiva de procriação, as mulheres se solidarizavam. De acordo com Araújo (2018), era comum ocorrerem encontros entre elas com a finalidade de trocar confidências e afetividades.

Como já falamos, a histeria só recebeu o status de doença psíquica após os estudos de Freud. Bezerra mostra o conceito de histeria de acordo com o psicanalista:

Freud acreditava que o gerador de uma neurose histérica seria, portanto, quando a criança é vítima de uma sedução sexual involuntária por um adulto, conseqüentemente, [...] ficava sem voz, paralisada, aparecendo à angústia na tomada e consciência por um fato brutal, caracterizando um trauma. [...] a partir daí surge o sintoma histérico, considerando assim quem a violência que se infiltrou no eu e a impressão dessa imagem altamente investida de afeto é muito forte para o eu [...]. (2004, p. 14).

Mas, antes dos estudos nas clínicas de psiquiatria, o tratamento para a histeria era exclusivamente voltado para o útero, uma vez que todo mal que açoitava a mulher era visto como oriundo desse órgão. Dentre os vários tipos de tratamentos para a doença, como repouso e dieta, existiam aqueles que agiam diretamente na vagina e no útero. “Nele eram realizadas as cauterizações, aplicadas as injeções, sanguessugas e ferros quentes.” (MATOS, 2003. p. 116)

Dentre os procedimentos empíricos de cura, havia tratamentos baseados em choques elétricos com o propósito de estimular os nervos e os músculos. De acordo com Gregori (2011), foi em 1869 que o vibrador foi criado, inicialmente movido a vapor e, mais tarde, outro modelo surgiu à base de bateria e de melhor portabilidade, cuja função se destinava aos tratamentos terapêuticos que envolviam a histeria.

O método de tratamento era realizado através de massagens na região genital, uma vez que as masturbações só poderiam ser realizadas pelos médicos que, por sua vez, exaustavam suas mãos com os movimentos repetitivos na perspectiva de alcançar o orgasmo feminino. (KUPP, 2018).

Diante de tantos experimentos empíricos e tentativas clínicas de cura, a histeria foi muito bem relatada através do comportamento da personagem, Lenita, pois conseguimos perceber que Júlio Ribeiro explicita essa ótica patológica que envolve a mulher. Lenita apresenta suas ‘crises histéricas’ quando admira as formas anatômicas de um corpo masculino da estátua do *Gladiador Borghese*. Também acontece quando ela entra no quarto de Barbosa e sente o cheiro de “macho” em seu travesseiro, o que faz despertar nela o desejo, e que é relatado por Ribeiro (p. 52) como “histerismo antigo”. A cura, de fato, para a personagem, seria saciar seus desejos sexuais reprimidos por tanto tempo com aquele homem que estava tão acessível a ela.

1. Considerações finais

No momento atual temos visto muita mudança em relação ao conceito de feminilidade e sexualidade, mas isso só é possível ratificar quando temos registros em nossa história que nos dão certeza das informações. A literatura brasileira é uma das fontes que nos permite ter essa certeza em relação aos acontecimentos que fizeram parte da construção social que temos hoje.

O naturalismo foi um período de produção de importantes obras que são lidas até hoje, apesar de tratar de temas polêmicos, como *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo; e *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, por exemplo, mas que mostram o humano na sua forma livre de pudores e limitações sociais e religiosas, embora excessivamente animalizado e pautado em supostas 'verdades' científicas hoje sob rasura.

Júlio Ribeiro, através da estética naturalista, nos mostra o ser humano como um animal movido pelos seus instintos comuns a qualquer ser biológico. É através dessa mesma estética que ele explicita o homem e suas vontades que se sobressaem em relação aos costumes e, por vezes, à moral social. Ele vai além de uma narrativa que fala de relacionamentos amorosos, pois podemos mergulhar em um cenário brasileiro em que a prática sexual era um tema não discutido e em que a mulher deveria manter sua sexualidade reprimida.

É em Lenita que o autor quebra o perfil da mulher projetada pela sociedade do Séc. XIX e mostra uma versão de um ser humano como qualquer outro que necessita saciar suas vontades sexuais. A histeria descrita na obra é outra abordagem importante para que nós possamos entender o que se esperava pela sociedade e a religião quando o assunto era a sexualidade feminina. Seria uma forma de ceifar a mulher diante de uma sociedade inteiramente patriarcal?

Em *A carne*, podemos ver a mulher que não quer realizar o matrimônio, que mantém relações sexuais com um homem divorciado (algo reprovado pela sociedade), engravida e abandona o pai biológico de seu filho. Apesar de Lenita acabar atendendo às expectativas sociais ao se casar com outro homem que já havia lhe pedido em casamento, a personagem transita em várias situações que são reprimidas e que renderam à obra de Júlio Ribeiro muitas críticas pelo fato de trazer acontecimentos vistos como obscenos e com uma linguagem inapropriada para a igreja e para a sociedade da época.

Mesmo sob o influxo dos preconceitos de uma ciência que principiava seu desenvolvimento, no contexto de uma tradição social patriarcal, branca, burguesa, olhar para uma obra como *A Carne* e empreender uma leitura diacrônica, crítica de seus temas e tratamentos narrativos, estéticos, ideológicos nos pode fornecer um olhar sobre o quanto ainda há a desconstruir nos discursos autoritários dos poderes instituídos, entre eles a própria ciência, as religiões e os cânones artísticos. Foi o que este estudo desejou fazer, ao se constituir como uma contribuição para a discussão aqui realizada.

6. Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BITTENCOURT, Daniela. A histeria e o feminino: laços entre o corpo, a linguagem e o gozo. VI simposio sobre formação de professores Educação, Currículo e Escola Tubarão. De 28 a 30 de maio de 2014 Anais ISSN 2175-9162. <Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_VI%20sfp/Daniela%20Bittencourt.pdf> Acesso 11 de jun.2020.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Raissa Rodrigues de. A construção imaginária da figura feminina e suas influências vitorianas. Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem, n. 5, 30 jun. 2017. <Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/182> >. Acesso em: 17 jun. 2020.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. 2ed. Rio de Janeiro: 2008.

FOCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1988.

GREGORI, Maria Filomena. Usos de sex toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 313-336, Ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Jun. 2020.

LINS, Regina Navarro. O livro do Amor, volume 1: da Pré-história à Renascença. 2 v. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MAHANEY, Carolyn. DEMOSS, Nancy Leigh (Org.). Mulher Cristã- Repensando o papel da mulher à luz da bíblia. São Paulo: Editora Vida Nova, 2012. P. 23 – 36.

MASIERO, André Luis. A histeria em A Carne, de Júlio Ribeiro. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina , v. 3, n. 2, p. 196-214, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 fev. 2020.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: As apresentações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930), 2003. In: .

MATOS, Maria Izilda Santos de. Soihet, Rachel, O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003. (Pág. 107 a 117)

MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro O MULATO Aluísio de Azevedo <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000166.pdf>>acesso: 03 de fev. de 2020.

NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 17, supl. 2, p. 373-389, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000600006&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 fev. 2020

PERROT, Michelle. **Minhas histórias das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. 2003 In: MATOS, Maria Izilda Santos de. Soihet, Rachel, O corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Pág. 13 a 27.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. 2018. In: PRIORI, Mary Del. História das mulheres no Brasil. 10. Ed. 6. Impressão. São Paulo: Editora Contexto, 2018. P. 12 a 44.

RIBEIRO, Júlio. **A carne**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

RUPP, Karin; TESSARIOLI, Graça Margarete S.; SILVA, Luis Antônio. O uso do vibrador como ferramenta complementar no tratamento terapêutico nas disfunções sexuais. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 23º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2018. [ISBN – 978-85-69218-03-6]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SAFATLE, Vladimir. Permanecer histórica: Sexualidade e contingência a partir do caso Dora. *Ágora Rio de Janeiro*, v. 19, n. 3, p. 377-392, Dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982016000300377&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 Mar. 2020.

BEZERRA, Márcia Mônica de Souza. Histeria na contemporaneidade. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de psicologia da faculdade de ciências humanas- ESUDA. Departamento de psicologia. 2004 <Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0052.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2020.

SILVA, Tito Lívio Cabral Renovato. Naturalismo e o Direito: uma análise teórica dos institutos jurídicos presentes no romance "A carne" de Júlio Ribeiro. *Rev. Fac. Der.*, Montevideu, n. 40, pág. 77-96, junho. 2016 Disponível em

<http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2301-06652016000100004&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 08 de agosto de 2020.